

Seguro, por enquanto

VICENTE NUNES E
MARCELO TOKARSKI
DA EQUIPE DO CORREIO

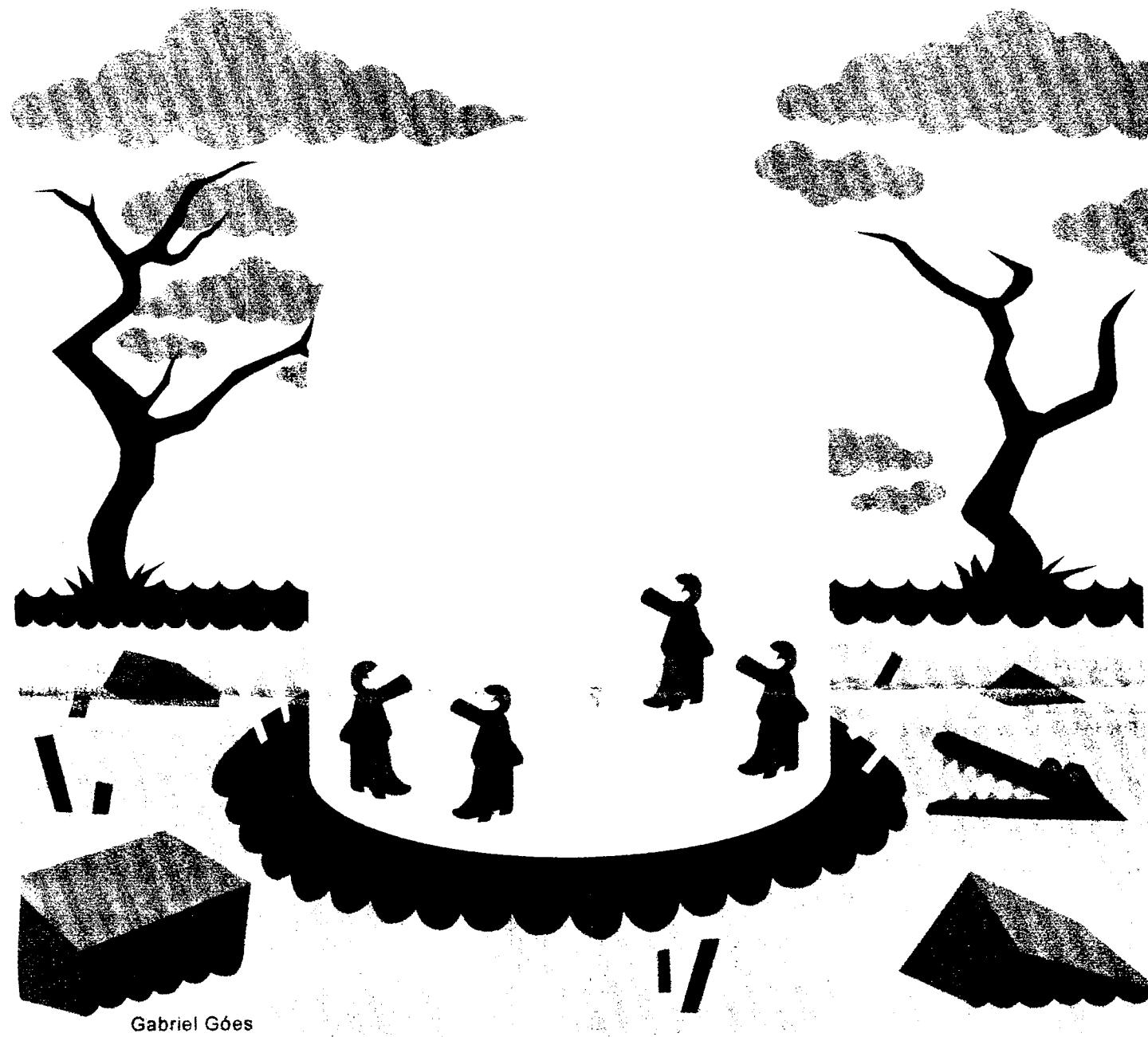
As denúncias feitas pelo deputado Roberto Jefferson (PTB-RJ) sobre a suposta compra de parlamentares pelo PT provocaram tensão no mercado financeiro. Ontem, a Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) desceu a ladeira, fechando em queda de 3,07%, e o dólar subiu 0,94% (*leia texto abaixo*). A preocupação dos analistas financeiros é que a turbulência política contamine as boas condições macroeconômicas do país e inicie uma fuga de capitais estrangeiros.

O que mais incomodou o mercado foi a possibilidade de uma paralisação do governo diante da onda de denuncismo, que já envolve os dois principais ministros, José Dirceu (Casa Civil) e Antonio Palocci (Fazenda). "Estamos diante de uma grave crise de governabilidade. Desde o início do ano, nada de relevante é aprovado no Congresso. Com a nova onda de denúncias contra o Legislativo e o governo, caminhamos para um quadro muito perigoso", diz o economista-chefe do Banco Schahin, Sílvio Campos Neto. "O risco é de que a crise política afete os bons fundamentos econômicos do país. E, se isso acontecer, os investidores não vão perdoar", acrescenta Álvaro Bandeira, diretor da Corretora Ágora Senior.

Para Raquel Fleury, analista de mercado da Consultoria Tendências, por enquanto o cenário político adverso deixou o mercado mais cauteloso, mas ela evita falar em "catástrofe". "A primeira reação (*do mercado*) é sempre mais forte. Mas, se a política econômica não for alterada, o mercado vai digerir bem essa crise. Desde a posse do Lula o mercado vem separando a política do PT da política econômica conduzida pelo Palocci e pelo Banco Central", afirma.

O secretário-executivo do Ministério da Fazenda, Murilo Portugal, pediu ontem ao mercado que leve em conta mais os fundamentos da economia do que as más notícias vindas da política. "O importante são os fundamentos. São eles que determinam como a economia vai evoluir."

Para Francisco Carvalho, responsável pela área de câmbio da Corretora Liquidez, até as denúncias de Jefferson, o mercado interno estava dando pouco atenção à crise política que já vinha parali-



Gabriel Góes

sando o Congresso. "Os mercados internos estavam oscilando basicamente ao sabor dos indicadores externos. Mas, a partir de agora, qualquer movimento político terá impacto profundo sobre o mercado, uma vez que foi detonado um movimento especulativo muito forte. Os investidores estão à flor da pele", afirma, ressaltando que a grande variável para se medir o efeito da crise será o dólar. Caso os preços da moeda americana disparem, os riscos de inflação — que está em queda — recuperar o fôlego são grandes, e a consequência será mais aumento de juros.

O estrategista-chefe do banco BNP Paribas, Alexandre Lins, acredita que a turbulência deixa o Brasil mais vulnerável. Para ele, o mercado está "desconfiado" em relação ao Brasil, situação que pode se agravar a qualquer sinal

de crise externa. "A preocupação do investidor é se esse escândalo político vai impactar na política econômica do governo. Até agora, não existem sinais nesse sentido, o que é um alento", pondera.

Riscos

Na avaliação do economista Nuno Câmara, do Dresdner Bank, em Nova York, a situação só não é pior porque há um grande fluxo de recursos estrangeiros migrando para o Brasil, de olho nos bons fundamentos da economia. "Do lado fiscal, os superávits primários continuam consistentes. Do lado externo, as exportações permanecem fortes e os investimentos diretos, em níveis bastante razoáveis. Agora, é importante frisar que, ao mergulhar nessa grave crise política, o Brasil está perdendo uma oportunidade de ouro para

garantir o crescimento sustentado da economia", destaca.

Fernando Barroso, da Arbor Gestão de Recursos, vai além. "O momento é muito sério. O país corre o risco de perder todas as conquistas econômicas dos últimos anos por causa da crise política. Ou o governo dá todas as explicações para as denúncias e assume o controle da situação de forma transparente, ou teremos dias difíceis pela frente", assinala. A seu ver, de agora em diante, o mercado tende a ficar atento aos fatos do dia-a-dia. Com isso, o câmbio e a bolsa vão apresentar fortes oscilações, alimentando um nervosismo desnecessário para o bom andamento da economia.

No entender do presidente da Consultoria Marcoplan, Cláudio Porto, ou o governo vira o jogo agora, ou perderá o controle da si-

tuação. "A sensação de inércia em relação à administração Lula é crescente. E com uma crise política como essa, há o risco de o governo parar de vez", alertou. Para ele, as denúncias feitas pelo deputado Roberto Jefferson em entrevista à Folha de São Paulo não estavam previstas em nenhum cenário traçado pelo consultor até 2007. Mas, antes mesmo de se avaliar a gravidade das acusações, já era possível dizer que o governo caminhava para uma travessia de alto risco, na qual a hipótese de se partir para o populismo ganha força. E é isso que apavora os investidores: um rompimento com o compromisso fiscal e com o combate à inflação.

LEIA MAIS SOBRE OS
EFEITOS DA CRISE NA

PÁGINA 16